

O Eros em Marina Tsvetáieva

Aurora Bernardini¹
Universidade de São Paulo

I. Preliminares

Na Rússia, ainda modernamente, compor poemas sem ritmo, sem rima, sem assonâncias, e sem uma série de outras figuras de som não é considerado poesia. Tanto mais em Marina Tsvetáieva (1892-1941), cuja poesia prima justamente pela estrita relação entre o sentido e o som, que o reforçava, ou mesmo o antecipava. Lembro aqui o ímpeto que senti ao ler os versos de *O poema da montanha*, escrito quando da ruptura de Marina com Konstantin Rodzévitch, em que a montanha, lugar favorito dos encontros dos dois amantes, lança sua maldição às convenções da burguesia que os obrigou a tanto: “ búdut/ /diévkami váchi diévotchki/ i poétami sinaviá!” (algo como:” que suas filhas sejam rameiras/ e poetas os filhos seus!”) e que Elaine Feinstein tão bem traduziu em seus *Selected Poems* como: ” Your daughters shall all become prostitutes/ and all your sons turn into poets!” (EF, 1971, 92)

Mas, em se tratando da conceituação do amor achei mais elucidativo escolher alguns trechos retirados dos dez cadernos que Marina levou consigo quando retornou na URSS, em 1939, depois de lá haver saído em 1922, (que Tzvetan Todorov selecionou e eu traduzi em *Vivendo Sob o Fogo - Confissões*,(VF), em 2008) e outros retirados do *Cahier Rouge*, (CR), que ela havia deixado na França aos cuidados de um amigo (e que foi entregue a Georges Nivat e publicado em 2011,em edição bilíngue, com tradução de Caroline Bérenger e Véronique Lossy).

II. Os cadernos de Marina Tsvetáieva

No prefácio a *Vivendo sob o fogo – Confissões* , o crítico francês Tzvetan Todorov prepara o leitor para a apaixonante travessia de uma vida inteira, de uma vida em chamas, pois Marina a viveu em todos os seus momentos – da infância ao suicídio – com o máximo de intensidade, sempre à procura da apreensão do absoluto, no êxtase e

¹ Professora de pós-graduação em Literatura e Cultura Russa da USP. E-mail: bernaur2@yahoo.com.br.

na dor, sem nunca fazer concessões, mesmo nos momentos mais trágicos de sua existência.

Suas cartas-confissões, tanto as reunidas por Tzvetan Todorov quanto as recuperadas por Georges Nivat, escritas e reescritas como se fossem poemas, muito íntimas, muito vivas, muito verdadeiras, atravessam os períodos mais conturbados de nossa história contemporânea: a primeira e a segunda Grande Guerra, a revolução russa, o stalinismo, a invasão nazista, e os diferentes fenômenos que os acompanharam: o desemprego, a fome, as delações, as prisões, as execuções.

“Somos o que a vida nos faz” é uma das frases que se encontra em seus “Cadernos” cuidadosamente guardados para serem resgatados depois de sua morte; no entanto esse “fazer” da vida, geralmente a despeito da pessoa, se transforma nela em violentos embates travados entre a vida e seus princípios, aos quais será fiel a ponto de chegar a pagar com a própria vida. “Foi um espírito viril” – disse dela Pasternak – “álacre, decidido, batalhador, indomável. Na vida e na arte aspirou sempre, impetuosamente, avidamente, com garra extrema, ao refinamento, à perfeição. Perseguindo-os, atirou-se muito à frente, superou todos.” (Pasternak, 250)

III. O *Eros* em Marina Tsvetáieva

Vamos começar com a menção a uma carta que o marido de Marina, Serguêi Efron escreveu ao amigo, o poeta Max Volóchin, em 1923, onde ele explica que “Marina, poeta do fogo, precisa de lenha para alimentar a paixão que serve de fonte à sua inspiração e de motor à sua criação poética”. E acrescenta, com realismo, que “a qualidade dessa lenha pouco importa”. (CR,94)

Agora, o depoimento de Rozdiévitch, o amante tcheco de Marina:

“Nossa ligação durou dois anos, em Praga. [...] quando repenso a isso tudo, me digo que nem sempre era digno dessa relação com Marina. Agora vejo as coisas de maneira diferente, mas, na época, eu era um superficial. Eu procurava a estabilidade e ela, uma visão fantástica” (CR, 296)

Marina, escrevendo sobre essa ruptura, em seu Caderno, em 1923:

“Construir minha felicidade sobre as costas dos outros – isso não posso fazer. Não sou uma vencedora, digo o que sei de mais profundo sobre mim.”(VF, 306)

“Minha alegria, minhas necessidades não significam nada em minha vida. Mais precisamente: o sofrimento dos outros destruiria instantaneamente a própria

possibilidade de elas existirem. Serguêi sofre, não posso me alegrar com Rozdiévitch.” (VF, 307)

Nota-se que, em Marina, é fundamental que suas “paixões”, que ela chamará de “romantismo”, não firmam os objetos de seu “amor”. O amor, ela terá ocasião de repetir durante a vida inteira, é o sentimento que a liga ao marido e aos filhos (além de Àlia, ela terá mais um casal, mas Irina, a caçula, morrerá de inanição durante a guerra civil, na URSS, antes de sua partida para a França, via Berlim e Praga, para se reunir com o marido). Ou seja, o amor é o sentimento de ser essencialmente necessária, imprescindível aos seres amados, e o resto seria romantismo. Só que, obviamente, a questão se torna muito mais complexa. Esse mesmo sentimento de necessidade/doação ela o sentirá em relação a muitos outros seres, homens e mulheres, que constelarão sua vida e que inspirarão seus versos. Primeiro entre eles, em 1914, é o irmão do próprio marido, a quem ela visita no hospital, onde ele morre, pouco depois. A segunda é uma mulher, Sonia Parnock, com a qual ela mora algum tempo, após o marido ter ido ao front como enfermeiro do exército russo, na guerra de 1915. Essas paixões/inspirações (a única que se concretizou e quase a levou ao divórcio ocorreu na Tchecoslováquia) serão objeto de inúmeras cartas – algumas delas memoráveis – e continuarão quase até o fim de sua vida. Claro que o marido, cujo perfil emerge nas entrelinhas dos escritos de Marina, havia de ressentir-se por essas “ênfatações”: muitas das atitudes de Serguêi Efron são extremadas, quando não temerárias, e talvez tenham sido tomadas para se valorizar aos olhos da mulher (como quando, de oficial “branco” que havia sido, se tornou espião soviético na França) e, quem sabe – provavelmente -- tenham colocado sua vida em risco também por causa disso.

Mas, após o término com Rozdiévitch, aqui está Marina, em 1924, escrevendo a Aleksandr Bakhrakh, sua nova paixão:

“... O meu futuro – é *ontem*, você compreende? *Não tenho amanhã*. Resta uma coisa: meus poemas. Mas: fora de *mim* (viva!) não são nada para ele [o marido] (ele ama Gumiliov; eu não sou a *sua* poeta!) Portanto, esse caminho torna-se também impraticável. Restam, então, as forças da natureza: o mar, a neve, o vento. Mas isso tudo – leva ao amor. E o amor – só existe por ele !” (VF,312)

E ainda:

“ Eu sou você + a possibilidade de amá-lo.(Você é eu + a possibilidade de eu me amar. *Você*, a única possibilidade de eu mesma me amar. A exteriorização de minha alma. (4/7/24 – VF, 317)

Uma exceção aparente, entre suas paixões passageiras, é representada por seu relacionamento com dois poetas que ela considerava à sua altura: Boris Pasternak e Rainer Maria Rilke. Ela havia encontrado rapidamente Pasternak em Moscou, antes de partir, em 1922, mas, nos catorze anos que ela passou na França, entre os dois surgiu uma correspondência apaixonada, cada um achando o outro um grande poeta. A relação de admiração amorosa entre os dois só terminará em 1935, quando ela o encontrará em Paris, por ocasião do Congresso pela Defesa da Cultura organizado pelo Komintern, como um ser temeroso e não como o semideus que havia imaginado.

Assim escrevia ela a Boris Pasternak, em 11/5/27:

“Não me compreenda mal: eu não vivo para escrever versos, eu escrevo versos para viver ... Preciso de você , Boris, como o abismo, o infinito, para que exista aonde atirar e não escutar o fundo.... Para que exista onde amar. Não posso amar (ASSIM) um não poeta. Você também não pode.”(VF,399)

Foi Pasternak quem pôs Marina em contato com Rilke, no último ano de vida deste, em 1926, e entre os dois (ou melhor, entre os três!) se estabelece também uma correspondência magnífica, hoje acessível em vários idiomas (Marina, graças à mãe, conhecia perfeitamente o alemão, que era a língua na qual escrevia Rilke, apesar de tcheco de nascimento), onde a admiração pelo poeta logo se transforma em amor pelo homem que, embora lhe dedicando a última de suas *Elegias*, lhe responde com reservas, pois Rilke já se sabia fatalmente doente de leucemia. Marina não sabia disso e se decepcionou.

”Para viver” – ela previra, já antes de sair de Moscou – “ eu preciso amar, ou seja, estar junto ...] eu preciso de todos, pois sou insaciável. Mas, a maior parte do tempo, os outros nem fome têm, donde esta tensão eternamente tensa: será que alguém precisa de mim?” (VF, 146)

E ainda:

“A utilidade de uma pessoa, para mim, é o amor “ escreve ela a uma amiga (VF,732), mas, marcada que está pelo que ela chama de “uma paixão pelo amor infeliz, não correspondido, impossível”, ela escolhe a plenitude do desejo, não sua realização (VF, 37) e ... compõe seus versos.

Aqui estão as considerações abrangentes de uma das tradutoras de Marina Tsvetáeva, Caroline Bérenger, no final de seu posfácio, no *Cahier Rouge*:

“...uma tendência de sua criação consiste em se alimentar do

sentimento amoroso em todas as suas formas, pouco importando a natureza e a qualidade do combustível, o essencial é que ele queime. Nesse sentido, o eros de Tsvetáieva é um objeto difícil de analisar. Sem dúvida, ele se inscreve num período de grande liberdade de costumes, em que todas as formas de amor eram possíveis, mas o que torna esse eros impressionante é que ele seja expresso de maneira tão direta. Basta para tanto ler-se os fragmentos de *Noites florentinas* que permitem adivinhar todo o erotismo fantasmático e onírico da relação, a *Carta à amazona*, que revive a paixão amorosa intensa por Sofia Parnok, o *Julgamento póstumo* e a repetição incessante, como se se tratasse de uma ladainha, do verbo gozar e da palavra gozo.[...] Por sinal, não é do amor sáfico que ela fala e que não deixa de ser uma evidência para ela, mas da questão delicada da maternidade para um casal de lésbicas[...]aniquilada pela natureza que torna impossível a concepção de uma criança[.]. Ao mesmo tempo não é do gozo que ela fala, em todas as suas formas, mas de sua ligação com a morte; nem é de uma paixão adúltera, mas de uma relação carnal que é, antes de qualquer outra coisa, o desnudamento de uma alma.”

Finalmente, em Tsvetáieva, “ o eros se encontra numa proximidade imediata com o ato de escrever, como se o amor e a palavra, a abstração e a sensualidade fossem as faces de uma única moeda. É disso que vem sua intensidade.” (CR, 185-186).

IV. Outras faces do eros

Joseph Bródsky, (CR, 186), outro admirador da poesia de Marina, quis encontrar na atitude de “rigorismo ético” que ela mantinha frente ao erotismo, certo espírito calvinista [determinado por Deus, que não concede graça nem permite recurso]. Viu-se que esse rigorismo pesou para Marina na decisão de sacrificar sua ligação com Rozdiévitch, “o único que me quis toda inteira” – conforme ela lhe escreveu, ainda em Praga, (CR, 97) – e não prejudicar o marido e a prole que dependiam dela “irreversivelmente”.

Entretanto, quando se tratava de sacrificar sua poesia, que também considerava determinada por Deus, o que pesava, mais do que qualquer rigorismo, era a fidelidade à própria autenticidade, um sentido de justiça muito pessoal, independente de qualquer imposição. “ Se eu tivesse um brasão” -- dizia ela -- “ escreveria nele: ‘Ne daigne’[não digno]” (VF, 366).

Vinte anos antes de sua volta à URSS, Marina se perguntava se chegaria o dia em que não teria mais vontade de escrever. As circunstâncias trágicas, todas encadeadas, responderam por ela (VF,60): “Uma vez que terei deixado de escrever

poemas, quem sabe um dia eu possa deixar de amar. Então morrerei ... Acabarei, com certeza, me suicidando ...”.

REFERÊNCIAS

PASTERNAK, Boris. Liúdi i polojênia (Pessoas e situações), Sobránie Sotchiniênii, T. IV. Moscou: Khudójestvennaia Literatura, 1991.

TSVETAEVA Marina. *Le Cahier Rouge* (CR) – edição bilíngue russo-francesa. Tradução e Notas: Caroline Bérenger e Véronique Lossy. Apresentação: Georges Nivat. Éditions Syrtes. Paris, 2011.

_____. *Vivendo sob o fogo – Confissões* (VF)- Tradução do russo e do francês e notas: Aurora Fornoni Bernardini. Seleção, Organização e Prefácio: Tzvetan Todorov. Martins Fontes. São Paulo, 2008.

... Org. *The Selected Poems of Marina Tsvetayeva* (EF) - Tradução de Elaine Feinstein. Oxford University Press, 1961. Second edition, 1971. Third edition, Hutchinson, 1987.

TSVETAEVA Marina . “Poema da montanha” (*Poema gory*). Disponível em: <https://bit.ly/2S4B1R7>